1882

1957

HUMANITÁRIA

BODAS DE DIAMANTE





DA
ASSOCIAÇÃO
HUMANITÁRIA
DOS BOMBEIROS
VOLUNTÁRIOS
DE AVEIRO

SUMÁRIO

Propriedade da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

EDITOR: AUGUSTO PINHO VARELA

Visado pela Comissão de Censura

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA UNIVERSAL — AVEIRO — TELEF. 125

Capa: Desenho de JOÃO SALGUEIRO — Aveiro



DR. FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES
Governador Civil de Aveiro

1882 — 1957



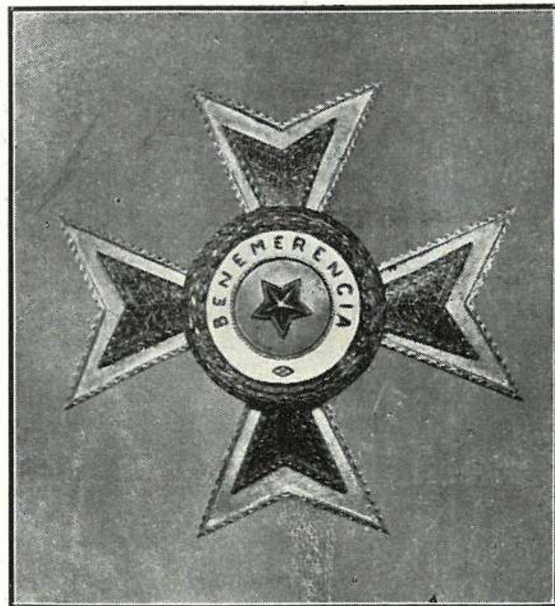
DR. ÁLVARO DA SILVA SAMPAIO
Presidente da Câmara de Aveiro

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

ao comemorar o seu 75.º Aniversário saúda o Governo, Entidades Oficiais, Corporações congéneres e todo o povo e Colectividades do Distrito



Coronel SERAFIM DE MORAIS JÚNIOR
Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte



República Portuguesa

O Presidente da República

Grão-Mestre das Ordens Portuguesas

Confere à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

o grau de Comendador **da Ordem** de Benemerência.

Nos termos do regulamento da mesma Ordem são-lhe concedidos as honras e o direito ao uso das insígnias que lhe correspondem.

Dado em Lisboa e Paços do Governo da República, aos 9 ***de*** Março ***de 19***29.

António Oscar F. Carmona

José Vicente de Freitas

O Chanceler da Ordem,

Pedro José da Cunha.

HÁ males que vêm por bem, diz o nosso povo. *À quelque chose malheur est bon*, dizem também, no mesmo sentido, os franceses. E a própria Igreja, entrando no mesmo espírito de observação e de crítica, chama à culpa do homem uma culpa feliz — *oh felix culpa*, porque teve o mérito, embora negativo, de nos trazer como consequência um tal Redentor!

O MEU GRÃO DE INCENSO

Por D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL

A mim não me lembra já nada do incêndio que devorou o Convento de Sá, ainda que esteja na ideia de que esse fogo não tenha sido anterior à minha idade. Nem me lembra de que a minha mãe, que habitou nessa casa até à data do seu casamento, nos tenha entretido alguma vez com a narração da desgraça; o que não tira nada à verdade histórica das chamas que alarmaram a terra e consumiram por inteiro o Mosteiro de Sá.

Dessas ruínas, porém, brotou uma vida, como das cinzas da Fénix ressurge uma águia ainda mais poderosa e mais bela. Do braseiro de Sá nasceu, com efeito, a ideia profunda de se evitar no futuro a repetição da catástrofe.

Logo ali, por entre as labaredas, começou a fermentar a instituição dos bombeiros. E, como semente lançada à terra fértil, o pequenino grão tomou depressa volume maior até ser isto que nós todos estamos a ver, consolados, cheios de esperança, diante dos nossos olhos maravilhados.

Diz-se na «Humanitária» que as corporações dos bombeiros são

SAUDAÇÃO

Com duplo prazer acedo ao convite que me foi dirigido para colaborar neste número especial de homenagem à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, que festeja agora o seu 75.º aniversário.

Como Governador Civil saúdo essa prestimosa Associação de dedicados servidores do bem público em tão útil e desinteressada missão, desejando-lhe as maiores prosperidades e afirmando-lhe todo o apoio às suas legítimas aspirações.

Como aveirense formulo os melhores votos para que esta cidade atinja, em tão simpática e altruísta devoção ao amor do próximo, a mais elevada altura na sua organização e na eficiência dos seus serviços.

O ideal de bem-fazer do Bombeiro deve ter no coração de todos lugar de honra. Creio que a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro vive, efectivamente, na gratidão dos aveirenses que não esquecem o muito que lhe devem.

FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES

compostas principalmente por gente do povo, trabalhadores, pescadores, operários, homens do campo ou das oficinas, das mais humildes profissões sociais.

Isto é uma verdadeira consagração, quase diria uma auréola de santidade. São os mais pobres, os deserdados, os que pouco ou nada têm a sofrer com o fogo, são esses mesmos, sem sombra de inveja, sem ressentimentos da sorte, que mais se esforçam e se arriscam para salvar a fortuna dos grandes. A mim, só pensar nisto, as lágrimas me vêm logo aos olhos. Não se pode ter uma alma mais heróica, mais magnânima.

Mas longe de mim poder pensar que esta espantosa magnanidade seja privilégio exclusivo dos braços fortes do operário ou do cultivador dos campos. Todos se lembram de que, em Lisboa, quando os sinos tocavam a fogo, o primeiro a aparecer no local do sinistro, com os cabelos ao vento, com o machado e o martelo nas mãos, com o coração a desdenhar dos perigos, era o Infante D. Afonso, muito mais esplendoroso e mais belo no ataque ao incêndio do que pomposo e cheio de fausto nas cerimónias da corte. Até lhe ficou, com a pressa desses momentos, o nome popular e ingénuo com que o povo consagrou a sua pitoresca personalidade e, por assim dizer, lhe gravou no caixão: *Arreda!*

E, se aqueles que vivem mais do espírito e da inteligência do que da força dos músculos, os chamados intelectuais, não aguentam frente a frente com os esforços de lutas tamanhas, não deixam no entanto de comparecer no teatro do valoroso combate, fazendo aquilo de que é capaz a sua carne mais frágil: levar algum balde de água à mangueira ou ajudar em pequenos acessórios detalhes o génio e o esforço dos grandes trabalhadores. Todos ali se encontram juntos, verdadeiramente nivelados, nessa obra de salvação!

Aveiro, 29 de Dezembro de 1956.

† JOÃO EVANGELISTA,
Arcebispo-Bispo de Aveiro

Nas BODAS DE DIAMANTE da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

75 anos de altruísmo

pelo Dr. HUMBERTO LEITÃO

NOS tempos idos, e por mercê de Deus, poucas vezes Aveiro sentiu a tragédia do fogo, o terror dos grandes incêndios. Podem contar-se: — em 1628, no Paiol, na antiga Capela de S. João, no Rossio, havendo mortes; em 1712, na sacristia do Convento de Santo António; em Outubro de 1843, no Convento de N. S. da Misericórdia; em 20 de Julho de 1864, no antigo Palácio dos Tavares, senhores de Mira, construído em 1500, que fora o Paço dos prelados do Bispado de Aveiro, na rua dos Tavares, e onde, desde 1849, se achavam instaladas as repartições do Governo Civil; e em 19 de Novembro de 1865, na estação do caminho de ferro, inaugurada no ano anterior.

Talvez por isso mesmo, por essa feliz raridade, apenas em meados do século passado apareceram aqui os primeiros apetrechos para combater o fogo, rudimentares, pequenas bombas braçais de escasso rendimento, propriedade municipal — no momento próprio postas à disposição do público que, generosa e voluntàriamente, acorresse ao local do sinistro.

Desse público, benemérito anónimo, disposto ao sacrifício máximo nos momentos de perigo, suprindo largamente com o coração e com os músculos o que lhe faltava em preparação técnica, encontramos fiel retrato na magnífica e viva descrição, dada por um jornal aveirense da época, do pavoroso incêndio que, na noite de S. João do ano de 1871, destruiu completamemte um dos melhores edifícios de Aveiro, o Palácio dos Viscondes de Almeidinha:

«... Eram 2 horas e meia da madrugada. A noite, até ali ventosa, estava serena, girando apenas uma tépida bafagem. Aqueles que se tinham entregado aos divertimentos próprios da ocasião, haviam-se recolhido. Tudo jazia em silêncio. Neste momento, um sinal sinistro e que, felizmente, poucas vezes se ouve entre nós, despertou os habitantes, de improviso: — eram toques acelerados de incêndio, dados não só nas torres dos diferentes templos e conventos da cidade, mas também na dos Paços do Município. O palacete do Sr. João Car-

Admiração pelo sacrifício e pela coragem

Há muitos anos já, desde que pisei terras de Aveiro, que nutro profunda simpatia e admiração pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, que agora festeja o 75.º aniversário da sua fundação. Esta admiração é-lhe devida não só por mim, mas também por parte de todos os aveirenses que saibam avaliar o sacrifício alheio, que reconheçam a abnegação de um punhado de homens que, com risco da sua própria vida, acorrem pressurosos a salvar a vida e os haveres dos seus semelhantes não importa quem nem onde. Uma tal benemérita instituição, cujos servidores levam tão longe o espírito de sacrifício e o sincero desinteresse material, não pode deixar de ser acarinhada, auxiliada e admirada por todos, seja qual for a sua índole ou condição. Estou seguro de que ninguém regateia louvores a esse sacrifício e deixa de prestar homenagem ao valor, abnegação e coragem dos nossos Bombeiros.

Setenta e cinco anos de incansável actividade, impregnada de humanitarismo, é a maior folha de serviços que uma instituição desta natureza pode apresentar. Daqui a saúdo por esta feliz data e presto sincero culto aos seus fundadores e continuadores.

Paços do Concelho, 3 de Janeiro de 1957

ALVARO SAMPAIO

los do Amaral Osório, Visconde d'Almeidinha, situado no Terreiro, ardia de uma maneira que dificilmente se tornava salvá-lo.

«O incêndio manifestou-se a um canto da casa do segundo andar, do lado de sudoeste, e as rubras chamas, lambendo com incrível rapidez quanto encontravam, aproximaram-se do cume do edifício em pouco minutos. Houve, então, uma dessas cenas medonhas que aterram quem as presenceia: o ígneo elemento assumia proporções terríveis, e as línguas de fogo, flutuando envoltas em espesso fumo, subiam a grande altura. Dir-se-ia o Etna, vomitando, de seu seio, ardentes lavas. Após isto, uma detonação longa e medonha, e baqueia o tecto daquela bela casa, seguindo-se-lhe um estrépito rouco e pavoroso.

Daí a pouco brilhava a flama ardente por entre as vidraças, e estas, não podendo suportar o fogo, estalavam umas após outras. Viam-se, então, as chamas, como farpadas línguas de serpentes, a sairem pelas diferentes janelas, parecendo quererem devorar, naquela precipitação assoladora, quanto lhes obstava a passagem.

«Era um espectáculo sublime de horror e desolação!

Ao local do incêndio logo afluiu gente de toda a parte. Ali se viam as pessoas mais gradas da cidade, e entre elas os srs. Governador Civil, Administrador do concelho, e seu secretário, e o destacamento aqui estacionado, com toda a oficialidade, que compareceu logo no Terreiro.



DR. HUMBERTO LEITÃO
Presidente da Direcção

«Apareceram também bombas, que prestaram serviço, mas no estado em que o fogo se achava, impossível era salvar o edifício. Obraram-se ali prodígios, e muitos indivíduos arrostaram com a morte para salvarem o que podiam.

«É nestas ocasiões críticas que se revela o génio prestante dos habitantes desta cidade. Mancebos ali apareceram, e homens já de idade, tão corajosos que entravam e saíam na casa a salvar móveis e o que encontravam, com tal denodo, que nem os intimidava o fogo a crepitar por sobre suas cabeças. Era o heroísmo e a vontade inabalável de ser útil à humanidade.

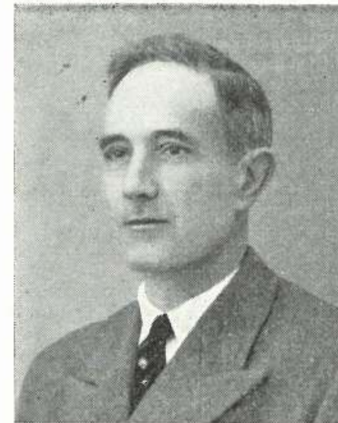
«Daquele belo edifício — onde tantas festas beneficentes se realizaram, e onde o luxo, o fausto e a sumptuosidade rivalizavam com as riquezas assombrosas do Conde do Farrobo, — apenas restam as paredes desmanteladas e em ruínas, com as janelas sem portas, e enegrecidas pelo fumo. Assemelha-se aquele palácio, que era um dos formosos ornamentos de Aveiro, a um esqueleto, com as fauces escancaradas, despertando a mais séria reflexão nos que o contemplam!

(De *«O Campeão das Províncias»*)

Este impressionante incêndio ficou, por muito tempo, na lembrança da nossa gente, e ainda a sua trágica recordação se não havia desvanecido quando, na madrugada do dia 12 de Janeiro de 1882, um novo e gravíssimo sinistro — então no Convento de Sá — alarmou a cidade, a ponto do Presidente da Câmara Municipal, **Manuel Firmino de Almeida Maia,** em sessão nesse dia efectuada, e atentas as precárias circunstâncias em que o Município se encontrava em relação ao material de extinção de fogos, que possuía, que não satisfazia as necessidades, propor a aquisição urgente de «uma bomba nas condições precisas para bem servir, e também dos mais apetrechos que são indispensáveis em casos tais, como escadas, machados, baldes, escadas de salvação, etc., tudo, finalmente, o que a ciência aconselha no que respeita ao serviço de extinção de incêndios». Esta proposta foi aplaudida, com entusiasmo, por toda a Câmara, que sugeriu ainda a urgente formação de *«um corpo de bombeiros voluntários capaz de desempenhar-se satisfatòriamente do encargo que tão nobre e elevada missão impõe».*

Assim nasceu, naquele dia, a primeira corporação de bombeiros de Aveiro. Tomou, de início, o nome de Companhia de Bombeiros Voluntários, para mais tarde se designar por Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

Da sua fundação legal dá conta a acta seguinte:



AUGUSTO PINHO VARELA
Secretário da Direcção

«Às doze horas da manhã do dia 28 de Novembro de 1882, na sala das sessões da Câmara Municipal, achando-se reu-nidos os indivíduos que assinam, tomou a palavra o cidadão **Francisco Augusto da Fonseca Regala,** e disse que tendo sido procurado, em nome dos indivíduos presentes, por uma comissão composta dos cidadãos **José Maria de Carvalho Branco, Manuel Homem de Carvalho e Christo, José Vieira da Costa, Fernando Homem de Christo** e **José de Azevedo Leite,** afim de o convidarem a acompanhá-los na organização de uma Companhia de Bombeiros Voluntários — que eles, a pedido da Câmara Municipal deste concelho, desejavam constituir, para se exercitarem no manejo das máquinas e demais material que o Município possue, destinado à extinção de incêndios, e dele se servirem quando alguma destas calamidades se manifestem no concelho, concorrendo com os seus esforços e trabalho para a debelação dessas calamidades, — estava pronto, não só a fazer parte dessa Companhia, mas para, com o seu auxílio e boa-vontade, concorrer para que tão generosa ideia fosse por diante.

Disse mais que a mesma comissão o encarregara de redigir um projecto de Estatutos, que fossem depois de competentemente aprovados, a lei da mesma Companhia; e que desse encargo se desempenhara o melhor que podera, e vinha apresentar o seu trabalho à aprovação da assembleia presente nesta sala.

Em seguida propoz que eu, **Francisco de Pinho Guedes Pinto** fizesse nesta reunião, e desempenhasse as vezes de secretário, o que, sendo aprovado pela assembleia, procedeu o mesmo cidadão, **Francisco Regala,** à leitura do projecto de Estatutos, o qual, sendo posto à discussão, foi unanimemente aprovado pela assembleia, e em seguida assinados três exemplares deles para serem remetidos à Câmara Municipal, a fim de por ela serem aceites, na parte que lhe dizem respeito, e depois enviados à autoridade administrativa para a aprovação legal.

Deste modo deu-se a Campanhia como provisóriamente constituída, devendo-se regular pelas disposições dos mesmos Estatutos deste dia em diante, e declarando-se logo que, desde que o projecto agora aprovado não sofra alteração alguma da parte da Câmara Municipal ou da autoridade administrativa, se considerem como definitivas as resoluções nesta sessão tomadas.

Depois disto propoz o mesmo cidadão, **Francisco Regala,** que vista esta resolução da assembleia, julgara conveniente que imediatamente se procedesse à eleição dos cargos da Companhia, o que, sendo aprovado pela assembleia, logo se efectuou por aclamação, com o seguinte resultado:

Comandante — *Francisco Augusto da Fonseca Regala*

Na 1.ª secção:

Primeiro Patrão — *José Maria de Carvalho Branco*
Segundo dito — *José Vieira da Costa*

Bomba n.º 1:

Primeiro agulheta — *João de Oliveira Christovam*
Segundo dito — *Manuel Tavares da Graça*
Primeiro ajudante — *Rufino de Sousa Lopes*
Segundo dito — *Manuel da Rosa*

Bombas n.os 2 e 3:

Primeiro agulheta — *João Augusto de Sousa*
Segundo dito — *José Bernardes da Cruz*

Na 2.ª secção:

Primeiro Patrão — *Manuel Homem de Carvalho e Christo*
Segundo dito — *Fernando Homem de Christo*
Aspirante — *Manuel da Rocha*

Director de ambulância — *João Bernardo Ribeiro J.or*
Fiscal de material — *Francisco Pinho Guedes Pinto*



DR. JOÃO LAPA DE OLIVEIRA
Tesoureiro da Associação

Em seguida, cada um dos eleitos agradeceu à Assembleia a confiança neles depositada, acrescentando o Comandante que, nas atribuições do cargo que lhe tinha sido conferido, desde já determinava que começassem os exercícios da Companhia, aproveitando assim o auxílio que a Câmara Municipal ofereceu, influindo para que viesse a esta cidade o segundo patrão da Companhia dos Bombeiros Voluntários do Porto, sr. José Rodrigues Barrote, expressamente para instruir a Companhia no serviço a que se destinava, e que, estando já entre nós o mesmo senhor, era necessário aproveitar as suas lições, — e propoz que, nesta acta, se mencionasse a gratidão com que a Companhia recebia mais este auxílio da Câmara Municipal, bem como os serviços que o sr. Barrote, generosa e dedicadamente ia prestar à mesma Companhia.

E não havendo mais que resolver se encerrou a presente sessão preparatória, de que se lavrou a presente acta, que vai ser assinada por todas as pessoas presentes, depois de lida por mim **Francisco de Pinho Guedes Pinto,** servindo de secretário da Companhia, que a a escrevi e também assino.



JOSÉ RODRIGUES VIEIRA
Vogal da Direcção

aa) *Francisco Augusto da Fonseca Regala, Manuel Homem de Carvalho e Christo, José Maria de Carvalho Branco, José Vieira da Costa, Júlio da Rocha, Manuel Ferreira, José d'Azevedo Leite, Fernando Homem Christo, José Marques d'Almeida, José Bernardes da Cruz, João Augusto de Sousa, Manuel da Rosa, Manuel Tavares da Graça, Rufino de Sousa Lopes, João de Nunes da Maia, Miguel dos Santos Gamelas, João de Oliveira Chrisostomo, João António da Graça, Sertório Maria Afonso, João da Silva J.or, Francisco Ferreira, António Marques d'Almeida J.or, João Bernardo Ribeiro J.or, Anselmo Ferreira, António Duarte dos Santos Gamelas, António de Sousa Marques, Júlio da Rocha, Jerónimo Marques d'Oliveira, Luís Benjamim, Manuel da Rocha, e Francisco de Pinho Guedes Pinto.*

Um mês depois, exactamente, em 28 de Dezembro, com a aprovação oficial dos Estatutos, ficou a Companhia legalmente constituída; e, no dia imediato, pelas 11 horas da manhã, na «casa que serve de estação das bombas e máchinas», com a presença do Presidente da Câmara, **Manuel Firmino de Almeida Maia,** procedeu-se à entrega do material de incêndios que a Câmara possuia. (Cabe referir aqui que foi com a Câmara de Dr. Bento Rodrigues Xavier de Magalhães que, em 1858, vieram para Aveiro as duas primeiras bombas de incêndio).



JOÃO SOARES
Vogal da Direcção

Começou, então, uma fase de preparação intensa levada a cabo com indescritível entusiasmo. O público, chamado a colaborar nesta obra de interesse colectivo, animou, com a sua presença, o «Grande Bazar», levado a efeito, no Jardim Público, em 3 de Maio de 1884, por iniciativa dos srs. Duarte Ferreira Pinto Basto J.or, Carlos Faria e Melo, António Ferreira de Araújo e Silva, João da Silva Melo Guimarães, António Augusto Duarte e Silva, João Augusto Marques Gomes e Francisco Vitorino Barbosa de Magalhães. As filarmónicas *Amizade*, *Aveirense* e da *Vista Alegre*, participaram graciosamente; o *Montepio* emprestou os seus pavilhões; e a população contribuiu com prendas para esta festa, que rendeu a importante quantia de 361$220 réis.

O esforço daquele punhado de homens que, voluntàriamente, se comprometera a velar pela vida e pelos bens do semelhante, por todos era compreendido e animado. Assim...

«... O Governo Civil, tendo conhecimento do modo brioso com que a Companhia se portára no terrível incêndio que, na noite de 15 de Novembro de 1884, tivera lugar nas casas de habitação de José António de Resende, à Costeira, e dos relevantes serviços ali prestados pela mesma Companhia que, com grave risco e perigo de algumas das suas praças, conseguira, a muito custo, evitar que o fogo se propagasse às casas vizinhas, por isso e por julgar um dever da sua parte, desejava saber quais as praças que o Comandante entendia deverem ser condecoradas, pois que não podia pedir ao Governo condecoração para todas elas, como de toda a vontade faria, se fosse possível».

Pelo mesmo motivo, igualmente a Câmara Municipal, pelo seu presidente, felicitou a Companhia, agradecendo-lhe em nome da Cidade, os serviços que *tão generosa e arriscadamente lhe prestou.*

Em resposta, a Companhia absteve-se de indicar os nomes das praças a condecorar, *porque essas distinções poderiam produzir rivalidades e promover a desarmonia entre os sócios. Para seu prémio lhe bastava a satisfação de terem cumprido, cada um na medida das suas forças, como um dever que, voluntàriamente e da melhor vontade, se impuzeram. Além disso, seria difícil distinguir os que mais serviços prestaram, pois todos se portaram denodadamente.*

Em Janeiro de 1887 — sendo de 40 homens o efectivo da Companhia — a Câmara da presidência do Dr. Elias Fernandes Pereira resolveu conceder uma pensão pecuniária aos bombeiros, alistados há mais de um ano, que se inutilizassem no serviço de extinção de incêndios, ou às suas viúvas, entregando a Câmara à Companhia os júros de 2 inscrições de 100$000 réis.

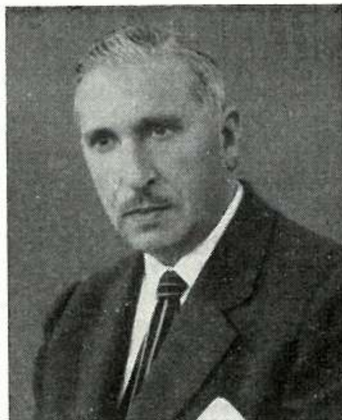
Em Fevereiro de 1888, o **Dr. Jòaquim de Melo Freitas** foi nomeado Comandante, cargo que foi posteriormente ocupado pelo sr. **Carvalho Branco,** em 1893, pelo sr. **João Bernardo Ribeiro Júnior,** em 1895, e pelo sr. **Manuel Gonçalves Moreira,** em 1897.

Conveniências da vida interna da Companhia levaram-na à dissolução, em Dezembro de 1898, transformando-a na ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AVEIRO. A mesma gente, o mesmo material, iguais fins altruístas, — com novos moldes orgânicos, nova estrutura estatuária, e nova designação, — numa palavra, independência da tutela municipal, embora a Câmara, como era de justiça, auxiliasse com um subsídio anual.

Nos documentos da época aparecem como renovadores, os nomes de **Manuel Gonçalves Moreira, João de Morais Machado, Manuel da Rocha, Luís Benjamim, João da Silva J.or, Teodorico Augusto da Silva, Firmino Fernandes, Manuel Ferreira, Manuel de Matos Bandarra, Pedro Soares, Joaquim dos Santos Gamelas, José Maria Pereira, Jerónimo Marcos de Carvalho, Lourenço de Oliveira Brandão, Isaias de Albuquerque, Abel Ferreira, João do Amaral Fartura, Angelo Augusto Sérgio, João Pinto de Miranda, José Pereira Carvalho, Domingos Vieira Guimarães, Gaspar Augusto da Cunha e João Augusto de Mendonça Barreto.**

A nova Direcção reuniu pela primeira vez no dia 25 de Janeiro de 1899, sob a presidência do sr. **Dr. Joaquim Simões Peixinho.**

A Câmara Municipal, do Dr. Alvaro Moura Coutinho de Almeida d'Eça, deu facilidades e permitiu que o Quartel ficasse instalado numa antiga arrecadação camarária, na Rua de Santa Catarina, junto do Teatro Aveirense, com a condição da Associação alugar, por sua conta e por 12$000 réis semestrais, um armazém onde se fizesse arrecadação. Então, pela primeira vez, contratou-se um contínuo ou chaveiro, mediante concurso e fiança de 50$000 réis, o qual vencia o ordenado mensal de 9$000 réis.



DR. ANTÓNIO PEIXINHO
Médico do Corpo Activo

Nesse ano, sob um certo desafogo económico, efectuaram-se as seguintes aquisições:

— 150 metros de mangueira de lona, a 450 réis o metro;
— 1 bomba de chaminé, por 16$820 réis;
— 5 lanços de escada Portuense, por 60$000 réis;
— Bonés, por 1$000 réis;
— e uma mobília para a Sala das Sessões, por 25$000 réis;

Em 1909, graves desinteligências perturbaram a vida da Associação, e delas resultou a fundação, pelos elementos dissidentes, de uma nova corporação de bombeiros: — a Companhia de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes». Mas este incidente, longe de quebrar ânimos, mais ainda os acicatou.

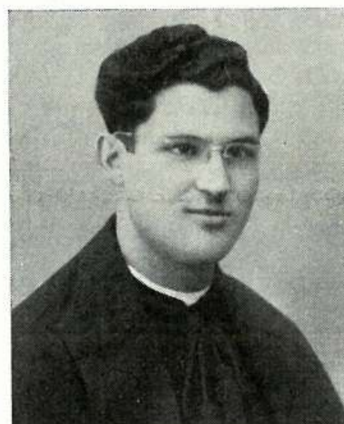
Em Novembro de 1908, a Associação compartícipou nas grandes festas de recepção ao Rei D. Manuel II; e, em 19 de Dezembro de 1909, assistiu à inauguração do obelisco da Praça do Comércio.

Francisco Ferreira da Encarnação era o Comandante em 1911.

Em 1913, inteiramente debelada a crise por que se passara, logo se pensou em melhoramentos. Em reunião de 10 de Setembro foi resolvido *comprar um carro de escadas «Magyrus», de modelo pequeno e barato, visto as condições das ruas da cidade não darem largura suficiente para modelo maior*; e à Câmara foi pedida, entretanto, a *construção de um novo quartel, visto o actual não se encontrar em condições e, além disso, não ter o espaço suficiente para arrecadar a escada «Magyrus» que se ia adquirir*. A escada chegou em Março de 1914, mas, como não havia onde arrecadá-la, foi levada para as ruínas da igreja da Vera-Cruz. Erradamente supunham tê-la, ali, em bom abrigo, pois que, uma noite, forte ventania a fez voltar, partindo-a. Talvez por este acidente, a construção do novo quartel não demorou.

Em 1915 era Comandante o sr. **Júlio Cabral,** que, abandonando o cargo dois anos depois, deixou a substituí-lo o 2.º Comandante sr. **Firmino Fernandes**. Este cargo, efectivo, foi ocupado, em 1921, após algumas tentativas de fusão de ambas as Corporações, pelo sr. **Isaías de Albuquerque**.

Em 1925, tomou posse a Direcção da presidência do sr. **Ricardo Mendes da Costa,** que, no ano seguinte, adquiriu a primeira moto-bomba, para substituição da antiquada e pouco rendosa bomba braçal. Os gestos de generosidade tornaram-se frequentes; de resto, as necessidades crescentes duma cidade em franco aumento impunham a urgente modernização de todo o material existente. As viaturas eram braçais: — os próprios bombeiros, auxiliados pelo garotio, que sempre acorria, eram quem puxava, até o local do sinistro, os carros que conduziam o material, donde resultava, além de tão abnegado ridículo, um cansaço antecipado dos que iam trabalhar com grande responsabilidades. Três aveirenses dedicados, grandes amigos da Associação, contribuiram, na altura, para a almejada renovação: — o sr. **Egas Salgueiro,** oferecendo, em Setembro de 1927, um automóvel «Humber», para ser adaptado a pronto-socorro; — o sr. **Dr. José Maria da Silva,** fazendo, em Abril de 1928, idêntica oferta; — e o sr. **Dr. António Nascimento Leitão,** em Fevereiro de 1938, dotando a corporação com uma auto-ambulância, para o transporte de feridos.



PADRE MANUEL C. FIDALGO
Capelão

O Governo da Nação, reconhecendo os valiosos serviços prestados pela Associação, distinguiu-a, em 16 de Março de 1929, com a comenda da ORDEM DA BENEMERÊNCIA; e, em 10 de Agosto de 1932, considerou-a INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA.

Nova viatura pronto-socorro foi adquirida em Outubro de 1932.

Em 1934, o comando foi entregue ao sr. **Tenente Alberto Daniel Machado,** lugar que ocupou até 1936, para ceder a vez ao sr. **Firmino Fernandes,** elemento valiosíssimo, a quem, em 1944, pouco antes da sua morte, foi prestada pública e solene homenagem, a quando do cinquentenário da sua vida de bombeiro.

Marino Sousa Moreira, foi o comandante seguinte. Tomou posse em 14 de Março de 1945; graças a ele, adquiriu-se em Londres a magnífica sereia de alarme que está a funcionar desde 6 de Setembro de 1946, graciosamente instalada, pelos Serviços Municipalizados de Electricidade, no telhado do Quartel, — acabando-se, assim, com o anacrónico sistema do toque do sino da torre dos Paços do Concelho.

Entretanto, a nova Direcção, empossada em 1 de Fevereiro de 1943, e ainda em exercício (aparte ligeira mudança de estrutura), substituiu toda a mangueira inutilizada no grande incêndio do Governo Civil, em 16 de Outubro de 1942, — exactamente no mesmo local onde ardera o Palácio dos Viscondes de Almeidinha, atrás referido —; reorganizou a esquecida CAIXA DE SOCORROS, de auxílio pecuniário ao bombeiro, garantindo-lhe ainda assistência médica e medicamentosa em doenças adquiridas fora do serviço; conseguiu da Câmara Municipal o seguro contra acidentes, para todo o pessoal do Corpo Activo; adquiriu uma agulheta de espuma, e respectivas cargas, para incêndios de gasolina, óleos e aguarrás; modernizou os prontos-socorros, blindando um deles; comprou uma moderníssima e potente moto-bomba *Escol*; renovou todos os fardamentos; criou uma escola de aspirantes; e, não esquecendo a função social que lhe é devida, organizou, em 1952, a ÁRVORE DO NATAL DA CRIANÇA POBRE, que foi um êxito.

Ao sr. **António Folhadela de Melo,** técnico distintíssimo, que comandou a Corporação a partir de 15 de Julho de 1947, se ficaram a dever muitas inovações, ainda mantidas e muito apreciadas.

Em Março de 1949, alguns pequenos subsídios, e os donativos de uma subscrição de que se encarregaram as telefonistas desta cidade, por iniciativa da sua chefe, sra. D. **Alcina dos Santos Gil,** e que rendeu esc. 12.500$00, permitiu — com os bons ofícios do Governador Civil de então, sr. **Coronel Dias Leite,** e um importante subsídio do Govêrno — adquirir uma nova ambulância, de 2 macas e assaz confortável, que útil e copioso serviço tem prestado a toda a população.

Por afastamento do Comandante Folhadela, e por parecer do digno Inspector da Zona Norte, foi nomeado para o exercício daquele cargo, em 21 de Agosto de 1950, o sr. **Albano Henriques Pereira,** dedicadíssimo elemento, que, há muitos anos já, e em vários cargos directivos, vinha servindo a Associação.

É já longa a vida desta ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA, se a compararmos com os limites acanhados da vida humana; mas da vida humana só ela tem as consequentes dificuldades materiais de sobrevivência — porque a sua duração, função do *auxílio no perigo*, será infinita, como infinita é, no coração do Homem, essa magnífica virtude que se chama ALTRUÍSMO.

Janeiro de 1957.

HUMBERTO LEITÃO

UMA CERTEZA!

SOLICITADA a colaboração desta Liga, para o número comemorativo do 75.º aniversário da Corporação dos Bombeiros de Aveiro, não podíamos ficar nem indiferentes, nem inaptos a tão honroso convite.

É sempre nossa obrigação moral, acompanhar as nossas federadas, nos seus momentos de alegria e de sofrimento, estar em todo o momento junto delas.

Cabem bem pois as nossas palavras, de alegria e de incitamento, pelo caminho já percorrido pela vossa gloriosa Corporação e para que possam continuar a fazer mais e melhor.

Todo o vosso passado está cheio de ensinamentos, de renuncia, de sacrificios e de caridade cristã, e, podem aparecer agora que festejam o vosso 75.º aniversário com as consciências de bem terem cumprido a vossa missão de homens e de soldados da paz.

A vossa missão, das mais elevadas que conhecemos, não tem preço, porque parte do coração, e, destina-se a todos — amigos ou inimigos, ricos ou pobres, bons ou maus — e é prestada, muitas das vezes, com risco da vossa vida.

Mas essa dádiva total, não pode nem deve ser desbaratada, sob pena de perder muito do seu



FRANCISCO AUGUSTO DUARTE
Membro do Conselho Fiscal



ANTÓNIO FOLHADELA DE MELO
Comandante de 1948 - 1950

significado, tem de ser antes fruto de um amadurecimento moral e não consequência de uma acção intempestiva, sem produto para ninguém.

O Bombeiro tem de ser calmo, bravo e fiel ao seu ideal, e, como tal, deve medir o perigo, tomar todas as precauções para a sua segurança, defender também a sua vida tão útil para todos.

Estamos em presença de uma época em que o Bombeiro, tem preponderância destacada e isso obriga-o a não estagnar, a sair da rotina, e preparar-se intensamente para a luta contra o fogo.

Se na época actual o número de incêndios deminuiu pela aplicação de muitos materiais incombustíveis na construção cívil, o progresso aumentou os riscos de incêndio pelo uso da electricidade, do aquecimento e dos carburantes, o que obriga a uma vigilância constante.

Outros perigos existem também, e esses requerem conhecimentos técnicos, que têm de ser ministrados a todos os que militam no voluntariado.

O trabalho realizado na vossa Corporação, atestado pelos 75 anos da vossa existência, são a garantia plena da maneira como trabalhais, e que merece todo o nosso apreço e respeito.

Podem os Aveirenses estar descançados, por terem como sentinelas vigilantes das suas vidas e haveres, abnegados Bombeiros como são os da sua Corporação.

MOURA E SILVA

Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses

Altruísmo obscuro e anónimo

Pelo Dr. JOSÉ TAVARES

TRATANDO-SE de corporações de Bombeiros Voluntários, frisam-se, com razão, as qualidades de dedicação, renúncia e altruísmo de que dão provas os indivíduos que nelas se alistam, e evocam-se numerosos casos de coragem e valentia manifestados na ocasião de incêndios, cheias, tufões, etc., pelos que abnegadamente e muitas vezes à custa da própria vida se votam à salvação da vida dos outros. Todas as agremiações de bombeiros recordam, a par dos seus heróis, os seus mártires.

Nas aldeias, em caso de sinistro de qualquer natureza, nem sempre se pode contar com o auxílio de bombeiros: as povoações mais afastadas dos centros em que eles existem têm exclusivamente a protegê-las o heroísmo dos próprios habitantes. Surgindo, por exemplo, um incêndio, dá-se o rebate na torre da igreja matriz ou tangendo a sineta da capelinha mais próxima. Dentro de pouco, inteirados do que se passa, aparecem de todos os lados, na ânsia de prestar qualquer auxílio, homens, mulheres, e até crianças... Há sempre alguém, mais animoso e expedito, que se arvora em comandante desses improvisados «bombeiros». E começa a faina: empunhando toda a casta de vasilhas, quem pode vai transportando água, extraída dos poços ou fontes próximas; lançam-se escadas às paredes; trepa-se às janelas e telhados; arrombam-se portas, salvam-se pessoas, animais e haveres... Se no fim se reconhece a quase inutilidade dos esforços e canseiras despendidos, visto ter o prédio ficado reduzido a paredes nuas, todos sentem a consolação do dever cumprido e a satisfação que sempre nos dá a prática desinteressada do altruísmo.

Este altruísmo obscuro e anónimo regista-o por vezes a literatura, pondo-nos diante dos olhos a acção de desprotegidas populações perante a brutalidade dos terramotos, incêndios, inundações, derrocadas, ciclones, em suma, dos mil flagelos que põem em perigo ou totalmente destroem o bem-estar e a vida da pobre humanidade.

Reproduzirei aqui, para regalo dos leitores da «HUMANITÁRIA», um pequeno trecho de bela descrição de incêndio, ocorrido numa vila. Deve-se à pena de uma das mais notáveis escritoras do nosso tempo — D. Adelaide Félix (1).

Diante de casa incendiada, chegam bombeiros, e povo, muito povo, para ajudar. A certa altura do ataque, em ponto oposto àquele em que os bombeiros trabalham, aparece sobre a cimalha da casa, «*com uma criança nos braços, uma rapariga, de cabelos desprendidos, feições desfeitas num esgar*».

O fogo cresce, e continua a ouvir-se o rebate dos sinos na matriz. Várias tentativas, frustradas, da parte de dois corajosos rapazes... E, «naquela emergência de morte, só ficaram duas realidades: a da chusma, que estendia os braços à desgraçada, pedindo que se atirasse, e a da lancinação materna, lá no estreito tabuleiro de argamassa, apertando o menino mais e mais ao peito».

E a autora continua:

«*Foi então que, ajudado por um punhado de homens, José Maria surgiu, congestionado, olhos raiados de sangue, arrastando um mastro delgado e comprido. Trouxera-o do adro da ermida, frente à qual, na manhã seguinte, o especariam, entre uma farta dúzia, nos alindamentos do terreiro para as festas da Senhora da Saúde. João Maria sabia-os ali, que seu pai os emprestara para os luxos da romaria, e ele mesmo o transportara no carro, a junta a puxar que era um louvar a Deus.*

Onde a mulher se mostrava, estacou, e ali quedou firme, a suster o pé do madeiro, enquanto os braços dos outros lhe iam empurrando o topo

(1) — Do livro de contos — «*Eu, pecador, me confesso...*» —, conto — «*Quando uma brasa se apaga...*» —.

A Minha Saudação

Uma agremiação que comemora o 75.º aniversário da sua fundação, impõe-se à consideração geral e mostra-se possuidora da vitalidade que gera os grandes cometimentos.

Saúdo portanto, nesta data, todos quantos à Associação dos Bombeiros Voluntários de Aveiro têm dado a sua valiosa cooperação, não podendo deixar de saudar muito especialmente aqueles que abnegadamente, no seu Corpo de Bombeiros, têm trabalhado com o maior esforço, acorrendo em auxílio do seu semelhante com verdadeiro espírito de caridade cristã.

Para aqueles que a morte já levou, deixo a expressão da maior saudade. Que descansem em paz.

Coronel SERAFIM DE MORAIS JÚNIOR
Inspector do Serviço de Incêndios da Zona Norte

para cima, empurrando sempre, no fito de endireitá-lo.

— Levantem mais!.. Levantem!... Força!. . Força, seus m...!

Em dado momento, por trás da cornija onde a mulher se empoleirara, parte do telhado ruiu com fragor, espadanando no ar um inferno de lumes, mas ninguém se acobardou. Agora o pinheiro já principiava a erguer o cimo, jogados à bruta, em tal sentido, os joelhos, os ombros e as mãos calosas dos homens. Entre eles, João Maria centuplicava as próprias energias, acudindo como convinha. Por fim, num arranque hercúleo, conseguiram verticalizá-lo. Lesto, o moço atirou fora o colete, arregaçou até às coxas o surrobeque das calças. Num galão, achou-se aos ombros dos outros e, abraçado ao poste, começou a trepar resolutamente, como quando, no domingo mais festivo daquelas redondezas, ia buscar, ao alto do mastro grande, a cobiçada nota de cem.

À meia altura, sentindo que o tronco vacilava deveras, bolsou para os de baixo uma obscenidade. Depois, a seu tempo, mandou:

— Encostem à parede! Devagar... Devagar!

Lentamente o mastro perdeu a vertical. Pingando suor, o cacho humano que o sustinha conseguiu encostá-lo à cimalha. Ágil como um símio, João Maria fincou os pés na platatorma ardente. Tomou a si a mulher. Prendeu-a bem com o braço esquerdo, enquanto com o direito lhe arrancava do colo o menino. E com ela bem colada à ilharga, berrou para a malta crispada numa agonia:

— Aí vai o miúdo... Aí vai o miúdo... Cuidado!

Num balanço ligeiro, a modo que o fedelho não raspasse na cantaria, gingou um pouco o corpo e, surdo aos berros aloucados da mãe, cujos braços continuava a manter garrotados contra o seu flanco, atirou a criança para a almofada feita de braços estendidos.

Depois, jungiu-se ao poste, carregando com a mulher, que acabava de desmaiar sobre o seu ombro. Soltou se da cimalha, comprimindo entre as coxas, rijas como tenaz, o redondo madeiro. E assim foi descendo, devagar, ajudado o gancho das pernas pela pressão tentacular do único braço livre.

Já no chão, entregou a rapariga ao mulherio, que choramingava; perguntou pela criança. Estava fero, o inocente.

Só então deu por si, sentindo escorrer um líquido quente pelos joelhos e pelo braço direito, cuja manga pendia em tiras. Olhou, espantado: era sangue. Mas não lhe doía; o que lhe doía, coisa esquisita, era o braço esquerdo... Reparou: acima do pulso, do lado exterior, vermelha e tufada, uma funda queima arrepanhava a carne. E nem se lembrou de que, ao saltar sobre a cimalha, batera com o braço num dos enfeites de ferro que a guarneciam, e eram outras tantas brasas naquele lumaréu.

Na manhã seguinte à noite em que João Maria roubou ao fogo aquelas duas vidas, a rapariga estava viúva, sem um chavo de seu».

Este João Maria salvara da morte a mulher que fora sua noiva e o trocara por outro homem, — e, com ela, o inocente fruto da traição!

JOSÉ TAVARES

CRUZADA DO BEM
OU A
EXPLOSÃO DO AMOR

Pelo Dr. QUERUBIM GUIMARÃES

TEMPOS que correm são de desvairo do homem, do homem que se desvia da Pátria da Luz, para se abismar no mundo da Treva — Quase se não vêm almas na trágica ostentação dos corpos. Olhos que se não erguem para o Alto para se fixarem apenas no lodo dos pântanos. Espírito que se submerge no turbilhão da matéria. Corações que se não comovem perante a miséria do seu semelhante. Egoísmos que se não detéem vendo em farrapos vidas que se decompoem (ainda no mundo, antes de baixar à terra fria) no lodaçal do vício, na lepra da luxúria, ou no horror da fome a desfazer em sangue pulmões que forças não têm já para oxigenar, em haustos de vida, corpos exangues. Sibaritas ou gosadores dos «cabarets» ou das tertúlias mundanas que não têm um movimento de amor, de caridade, para estender o braço em socorro do aflito, do violentado pelas forças da natureza ou pela cegueira do ódio. Homens da selva, da barbárie. do primitivismo animal, desafiando uma civilização milenária que Cristo criou quando, no mundo, se sacrificou e pelos homens, ofereceu a vida em holocausto dos seus vícios, das suas misérias e, pedindo ao Pai, do alto da Cruz, perdoasse aos que o crucificaram porque não sabiam o que faziam, instituiu essa cruzada de amor, amor ao próximo, por amor

de Deus — «amai-vos uns aos outros como eu vos amei». — Foi outro o Mundo depois de Cristo. Virou-o do avesso, diz um consagrado escritor. Dois mil anos passados, porém, regressa-se à selva, à crueza dos tempos pagãos em que a lei era a da vontade do opressor, em que a pessoa humana se desconhecia, simples escravo, de cuja vida o senhor podia dispor a seu talante, esmagados todos os direitos pelo culto da Força, pela violência do ódio.

Como se tornam belas, nestes tempos de tão asfixiante baixeza moral, os actos heróicos dos que se erguem da lama que os cerca para em, caridade cristã, socorrerem o seu próximo, sem temor da morte, nessa ânsia sublime de salvar a vida do seu semelhante! Os que, com os olhos em Deus, a tudo o que é seu, a tudo o que do mundo é, renunciam para correr em socorro dos aflitos, dos que se sentem morrer sem que alguém lhes valha, dos que se contaminam de lepra, e morrem nas leprosarias para socorrer os empestados, como o célebre Padre Damião, numa ilha afastada, do Pacífico, para onde o mundo afastara esses seus irmãos; como um São Vicente de Paulo, que substitue um galeriano para aliviar o condenado dessa horrível pena:

É um ideal cristão o que os inspira? Mas vós, Bombeiros, na vossa missão de sacrifício, a toda a hora, a todo o instante, de dia ou de noite, deixando o vosso ofício, ou abandonando o vosso lar, a vossa família, o vosso leito, em noites de tempestade, para arrancar vidas das chamas crepitantes, tendes um ideal cristão também, porque o ideal de humanidade que vos anima, é o ideal de Cristo, é o amor da caridade cristã por muito que o desconheçais!

Perante o vosso heroísmo, de tão sublimes audácias, curvo-me em respeito e gratidão.

QUERUBIM GUIMARÃES

O fogo leva tudo!

Pelo Desembargador **MELO FREITAS**

UE dizer? Em boa verdade, falta-me «engenho e arte», mas, porque fui solicitado e não poderia de todo esquivar-me, a simples apontamentos me limito.

Passou-se o caso numa das últimas noites. Desabrido vento sacudia os caixilhos das janelas do meu quarto, voltado para a Praça Marquês de Pombal, e, a intervalos, fortes aguaceiros fustigavam as vidraças. Entretanto, no delicioso conforto da minha cama, protegido contra os elementos em fúria, ajeitava-me para de novo adormecer. Já tinham dado as 4 horas.

De súbito, porém, do próximo quartel dos *Bombeiros Velhos* soltou-se agudo grito da sereia de alarme. Um silvo contínuo (o apelo era para fora da cidade), não tardando muito que cessasse, e logo ouvi a saída de uma viatura. Voltara-se ao silêncio, só interrompido pelo vendaval.

Noite péssima, de rigorosa invernia, mas, quando eu e muitos outros repousávamos, lá iam eles, os *Voluntários*, lá iam eles, sentir de perto a intempérie, passar trabalhos, correr riscos...

BODAS DE DIAMANTE dos *Bombeiros Velhos* não representam apenas 75 anos de paradas, de desfiles, de vistosa presença em actos cívicos diversos. Mais do que isso, significam e avivam três quartos de século de abnegação inestimável e inúmeros sacrifícios!

Designá-los por *Bombeiros Velhos* equivalerá a reconhecer-se-lhes sólido e glorioso título de nobreza, galhardamente alcançado.

Quase todos eles de humilde condição social, sem outros bens que não sejam família mais ou menos numerosa a sustentar, sucede, todavia, que, tendo talvez posto os olhos no céu infinito e vendo o brilho das estrelas... com sublime devoção se comprometeram a árduas canseiras e graves perigos.

Crepitando e avançando violento incêndio, os simples espectadores, mesmo à distância se sentindo asfixiados e abrasados, prudentemente se afastam, mas os beneméritos e intrépidos *Voluntários* hão-de manter-se firmes nos seus postos, na ardência da fornalha ou molhados até aos ossos, enquanto os travejamentos desabem, as paredes se desmoronem e, acaso, deflagrem explosões. Em luta contra o fogo e contra a morte, chegam até à heroicidade.

Por quem o fazem?

Incêndios, inundações, naufrágios... E o quê mais, a que sejam chamados os Bombeiros?

Há anos, em Lisboa, assisti ao aparatoso *salvamento de um gato*, utilizando-se excelente e gigantesca escada Magirus, toda ela motorizada.

O bicho subira a tais alturas, de uma grande árvore, que perdeu o tino para descer.



DR. JOAQUIM DE MELO FREITAS
1888 - 1893

Muitas e baldadas foram as tentativas que vários Bombeiros empregaram, tendo querido aproximar-se do animalsinho e, por cautela, envolve-lo em panos. Por fim, assustado e resvalando de frágil em frágil ramo a que não poderia segurar-se, caiu docemente num dos lagos da Avenida da Liberdade, onde o espectáculo se desenrolou.

Encharcado, em tristíssima figura, feito numa sopa! — mas salvo. Fora salvo *um gato!*

Estou a lembrar-me de certa poesia do meu livro de leituras alemãs, dos tempos de Liceu: «Não te esqueças de mim».

Trata-se de conhecida e delicada flor, dum azul como o dos céus: *myosotis*. «Não sabe dizer muito, e tudo o que diz é sempre sòmente a mesma coisa, é sòmente: não te esqueças de mim.»

Também a sereia de alarme do quartel dos *Bombeiros Velhos* não sabe dizer muito, e é

sempre o mesmo, enigmático, aflitivo e enervante o grito com que nos inquieta. Mas, se tivesse palavras para contar-nos tragédias, o que nos diria ela?

Veiu de Londres e aí serviu, no tempo dos bombardeamentos da Grande Guerra última. O que nos diria ela? — repito.

Tive ensejo de ver ferros torcidos, como se fossem vimes, restos de habitações, desventradas até ao pavimento das caves, e este pavimento transformado em baldio onde vegetavam, em abundância, fetos dos montes e moitas de «Epilóbium», de caules esbeltos e muito floridos, pondo manchas cor de rosa num quadro dramático.

Para recordação colhi no local algumas dessas florinhas, e as conservo, agora já enegrecidas mas que, se falassem, possivelmente diriam, ainda, que foram regadas com «sangue, suor e lágrimas», única promessa de Churchill à Inglaterra até que se alcançasse vitória.

Talvez aquela sereia dos *Bombeiros Velhos*, ao soltar seu grito plangente, queira repetir-nos: «Sangue, suor e lágrimas».

Quem sabe? *Sangue, suor e lágrimas* daqueles que pedem socorro. *Sangue, suor e lágrimas* dos que, por amor do próximo e bem fazer, correndo em auxílio se arriscam a desastre!

Antes de organizadas convenientemente as corporações de serviço contra incêndios, não raro era que a multidão, no propósito de salvar, acabasse por destruir quase por completo o que existia, lançando tudo pelas janelas, dos mais elevados andares à rua. No dizer de «O Bombeiro» de 1 d'Agosto de 1889, o fogo representava um flagelo mas os salvadores constituiam uma praga!

Na época actual, Aveiro conta com duas prestantíssimas corporações de Bombeiros Voluntários, que, todavia, lutam com dificuldades.

No incêndio do Govêrno Civil, em 1941, a falta d'água foi problema confrangedor, e, mesmo com abundância d'água, a insuficiência de mangueiras ou o seu mau estado pode inutilizar os maiores esforços. Sabe-se que são caras e de pouca dura.

Confiemos nos nossos beneméritos Voluntários, poderemos contar com eles, mas, evidentemente, só na medida dos meios de que disponham. Não lhes bastam louvores e honrarias, estima e gratidão.

Estejamos sempre *em guarda!* Quando nos lembrarmos deles, feitas bem as contas é a nós próprios que serviremos. Não será assim?

Em minha vida sofri dois sobressaltos: princípio de incêndio em estabelecimentos do rés do chão de casas onde habitei, em Coimbra e em Aveiro.

Sem consequências, providencialmente, — mas, naqueles momentos de dolorosa ansiedade e pensando que de um bom serviço contra incêndios dependerá a nossa sorte, gravou-se no meu espírito a justeza de um conceito de velha sabedoria popular, com que termino:

«O ladrão leva o que pode, mas o fogo leva tudo!»

Ano Novo
1957

JAYME DE MELLO FREITAS

O BEM PELO BEM

Pelo Prof. BARBOSA DE MAGALHÃES

CONTINUAMENTE se vêem nos jornais e em outros orgãos de publicidade apelos à caridade alheia, pedidos de esmolas, de socorros, subscrições a favor de homens, mulheres, crianças e colectividades, convites para espectáculos, concertos ou chás de caridade, com bridge, ou sem bridge, com canasta, ou sem canasta, com variedades, ou sem elas, e, felizmente, esses apelos e pedidos são frequentemente atendidos, essas subscrições recolhem bastantes donativos e esses convites são aceites, dando ensejo a serem cobradas receitas mais ou menos quantiosas.

E é tudo por bem.

Mas, infelizmente, esse bem poucas vezes é devido a puro altruismo.

Há quem o faça para parecer bem; para ver o seu nome nos jornais, ou o seu retrato numa parede de certa colectividade; para ganhar o céu — quem dá aos pobres empresta a Deus — ; para ir divertir-se, comendo, bebendo, dançando, jogando e gozando os variados espectáculos que se lhe proporcionam.

Há ainda, com certeza, quem o faça por política, para conseguir partidários e votos — um subsídio com dinheiro seu, ou do Estado, ou de um orgão administrativo, para um sino duma igreja ou capela, para um marco fontenário, para uma fonte, ou calçada.

E até há quem o faça para simples satisfação da sua consciência, por impulsos da sua alma e do seu coração.

Entre estes beneficentes estão os bombeiros voluntários; e estão em primeiro lugar.

Porquê? Porque, mesmo dentre os que fazem o bem pelo bem, poucos são o que dão, ou sacrificam, aquilo de que precisam; em regra, dão ou sacrificam o que lhes é supérfluo.

Os bombeiros arriscam o seu sossego, o seu bem estar, a sua saúde e a sua própria vida — para evitar prejuizos aos outros, para lhes evitar os males físicos, que derivam das calamidades públicas, para salvar a saúde, a vida e até a fazenda dos outros.

O que dão, o que arriscam não é nada do que lhes é supérfluo e são dos poucos beneficentes que seguem o preceito moral — faz o bem, não olhes a quem.

Bem poucos são os que pensam que, de um momento para o outro, podem precisar do precioso auxílio dos bombeiros, que, já desde longe, se não limitam a evitar e a acudir aos incêndios, mas intervêm, com a sua valiosa acção, com todos os seus dedicados e inteligentes esforços, em todas as outras calamidades públicas.

Em regra, o egoismo tem tal força que, contando com o altruismo alheio, nem deixa pensar que de repente pode haver precisão de recorrer àqueles que estão sempre prontos para socorrer os outros.

No entanto, os bombeiros são daqueles altruistas que, aliás muito merecidamente, são olhados e respeitados com admiração e reconhecimento.

Surge agora, ao comemorar-se o 75.º aniversário — as bodas de diamante — da Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, um motivo para que essa admiração e reconhecimento lhes sejam manifestados por forma que comova todos os corações, e o sejam também a essa benemérita instituição, que a própria lei considera de utilidade pública, que já mereceu a comenda da Ordem da Benemerência e que, pelo esforço dos seus componentes, e pela ajuda dos seus protectores, tem salvado tantas vidas, evitado e minorado tantas dôres, tem evitado e diminuido tantas perdas materiais, tem evitado muitas lágrimas de dôr e de saudade e tem feito derramar outras de alegria e de gratidão.

Estou certo de que a minha, a nossa, cidade de Aveiro vai comemorar condignamente essas bodas de diamante e a essa comemoração me associo com toda a alma, agradecendo à Comissão Organizadora o amável e honroso convite, que me dirigiu, para colaborar neste 2.º número da «Humanitária».

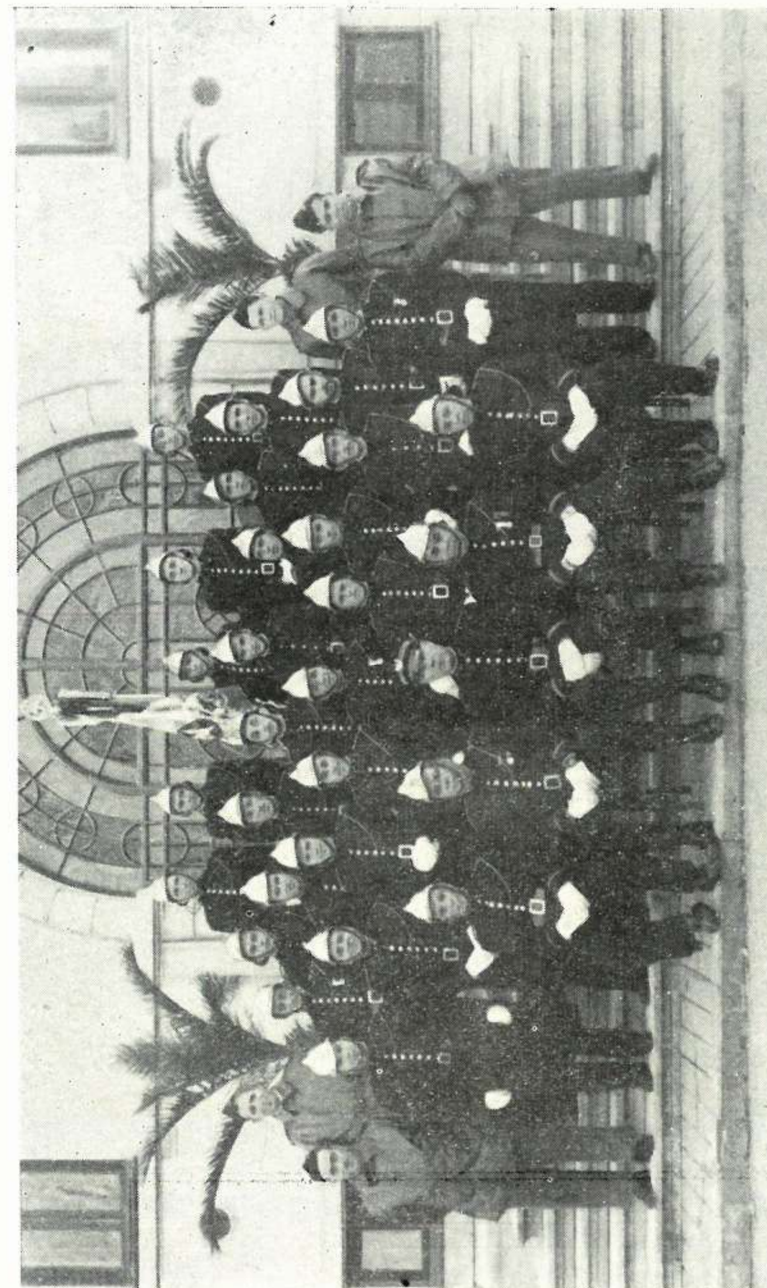
Apreciei-o e agradeço-o, tanto mais que sou devedor à Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro de muitas atenções, designadamente como o mais velho descendente actual do Homem que teve a bela iniciativa de promover a fundação da Companhia.

Saudando-a nesta hora solene, saúdo também a sua congénere aveirense Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» e todos os componentes das duas colectividades e de todas as outras idênticas, constituidas por obreiros do bem, por aqueles que fazem o bem pelo bem.

Diz um probérbio popular — depressa e bem, há pouco quem.

Parafraseando o, eu digo — o bem pelo bem, há pouco quem.

Corpo Activo da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro



Da esquerda para a direita — 1.º plano de pé: *José Pereira de Carvalho, José Correia,* chefe *Manuel Martins Raposo, José Pereira de Carvalho Júnior* e *Manuel de Jesus Martins.*

2.º plano — *José Rodrigues Vieira,* (Motorista) *Vasco dos Santos Pinho, Firmino Diniz Marques da Costa, Aníbal Ferreira Martins, Amadeu Teixeira Calhandro, Alvaro de Oliveira Charneira, José Salvador Lopes Martins, Adérito Fernandes, Albano Batista,* e motorista *Augusto Oliveira Charneira.*

3.º plano — *Leonildo Nunes da Maia,* (Motorista) *Alberto Deus da Loura Rafeiro, Abel de Carvalho Picado, António Martins Gonçalves Rei, João Evangelista dos Santos Morais, Albertino Francisco Pereira, Henrique da Silva Pimentel, Anselmo Correia da Costa, Manuel Ferreira Marques, José da Silva Ramalho, António Francisco Pereira* e motorista *António Almeida Pinto.*

Sentados — Praça 1.ª classe *João de Pinho Soares,* chefe *António Monteiro,* 1.º Comandante *Albano Henriques Pereira,* 2.º Comandante *Gonçalo Pinto* e adjunto do Comando *Manuel da Costa Freitas.*

ESTÁ NO EVANGELHO

Eu não me enganarei se disser que a alma dos bombeiros está no Evangelho.

O Evangelho é o cântico de todos os heroísmos e de todas as audácias. Nele se guardam, para a memória e a devoção dos séculos, o santo arrojo da Verónica, com o seu linho branco de piedade, e as lágrimas doloridas de Maria Madalena, esse pobre farrapito humano que não pediu licença a ninguém para beijar os pés de Jesus e sobre eles estender a toalha dos seus cabelos.

É certo que o Evangelho não fala de corporações, nem de ambulâncias, nem de machados, nem de agulhetas, nem de cabelos ao vento. Também não alude ao toque de qualquer sereia quando o fogo, erguido da terra, devorou de pronto as cidades de Sodoma e Gomorra.

O nome das coisas, porém, pouco importa. O que importa é a sua alma. E ao ritmo dos nervos e do sangue que se escalam as montanhas. Só por acaso, não se tocam as estrelas. Tem que vir de dentro a força para que se não parta a asa dos nossos sonhos. O amor, se não é virtude, há-de acabar ali perto, ao primeiro amuo ou à mais leve contrariedade.

Ora a vida dos homens que hoje aqui se louvam, nestas felizes bodas de diamante da gloriosa Associação Humanitária, é uma legenda heróica de grandezas. Podem alguns nem sequer o suspeitar, mas neles existe uma alma a que eu chamo cristã.

Espanta-se a gente diante da força que os leva na corrida?! E admira-se do ímpeto que os não deixa parar de medo, que até os faz sorrir dele?! E comove-se quando o seu coração ainda palpita por cima de todas as ruínas?!

Espante-se e admire-se e comova-se a gente com a virtude que lhes põe nos olhos esta luz, e nos lábios esta febre, e no peito esta alma... — esta alma que está no Evangelho.

É Jesus Cristo quem o diz: — Tem a sua recompensa um copo de água fresca que se dá de beber a quem é pequenino e pobre, mas vai sedento pelo caminho.

Quando o fogo queima as casas ou as searas, o bombeiro-soldado desejaria que à roda de cada pedra nascesse uma fonte. Desejaria até realizar o milagre de trazer ali as ondas todas do oceano largo e profundo. Mas, porque não é de suas mãos esta força, como era da vara de Moisés, ele sofre — e chora.

Lágrimas benditas que apagam incêndios!

Por elas, nesta festa de 75 anos, vos aplaudo e louvo e engrandeço, queridos amigos.

Aveiro, 1 de Janeiro de 1957

PADRE M. CAETANO FIDALGO

À procura dum significado para a palavra

HUMANIDADE

Pelo Dr. VASCO BRANCO

NASCEMOS pouco depois da guerra de catorze e a tempestade nazi apanhou-nos ainda na adolescência. Esses anos de incerteza e angústia deixaram-nos cicatrizes fundas e conduziram-nos a um hábito defensivo cujo escudo se chama cepticismo. Desconfiados, pois, nao por natureza, mas pela impressão vivaz que a verificada falência de certas ensinanças, tidas como dogma, escreveram em nossa alma, desconfiados, não por natureza, mas pelo cansaço da praga de propagandas que pretendeu e pretende governar a opinião pública — se não o Mundo — , só muito cautelosamente nos atrevemos ainda à arbitragem duma questão ou a escolher guarida para certas atitudes.

Nesta nossa época em que são vulgares os termos *engenheiros de almas, mentalidades teleguiadas, epidemias psicológicas, opiniões dirigidas,* temos, mais do que nunca, larga justificação para essa desconfiança, para esse cepticismo. Ninguém desconhece que actualmente a propaganda alinha em magestade e eficiência ao lado de qualquer outra arma, e nós, os leigos, nem sempre estamos preparados para a destrinça entre o nobre metal e a ganga que o envolve, pois só o tempo poderá fazer subir a vil escória ao plano do nosso desprezo. A propaganda, todavia, não desfigura sòmente os propósitos das nações, as atitudes dos partidos políticos, a redacção dos comunicados da guerra: a propaganda pode desvirtuar ou valorizar o mais insignificante procedimento humano. E' por isso que mais dificultosa se nos afigura a busca que empreendemos de um significado para a palavra *Humanidade.*

Quando determinámos procurar o significado desta palavra, o nosso primeiro ímpeto levou-nos a compulsar as definições dos dicionários e das enciclopédias. Foram lidas dezenas de vezes e finalmente abandonadas. Não conseguimos encontrar nessas definições calor suficiente. Abafadas em tecnicismo — aliás imprescindível à explanação das ideias — deixaram-nos um sabor a indiferentismo, provocaram-nos um prurido puramente epidérmico, que não se coadunavam bem com o nosso sentir. Tudo o que tentámos depois para fazer ganhar em veemência a definição, saiu verborreico e expletivo — e, por isso, nos agarrámos sofregamente à tábua de salvação do chamado exemplo.

Quando nos dizem que o massacre do povo magiar é desumano, somos o primeiro a reconhecê-lo, como igualmente reconhecemos a desumanidade do bombardeamento atómico feito a Hiroshima e Nagasaki. Dirão certos argumentadores que, neste último caso, se tratava duma necessidade tendente a aproximar o fim da guerra. E' muito possível que tenham razão; mas, se pretendermos encarar as coisas exclusivamente sob o ponto de vista *humano,* mantemos o que afirmámos, visto que a *humanidade* não pode usar para medida pontos de vista particulares deste ou daquele indivíduo, deste ou daquele grupo, desta ou daquela facção política, deste ou daquele país, deste ou daquele continente, desta ou daquela raça, desta ou daquela civilização. A *humanidade* é uma palavra sem limites — é uma palavra tão grande que alberga, no mesmo carinho o trabalhador e o indigente, o rico e o pobre, o branco e o negro, o ministro e o operário, o sábio e o ignorante, o nórdico e o dravidiano.

A maior parte das vezes, a *humanidade* entra em conflito com os interesses individuais ou de grupo, e a eles se tem que sacrificar quase sempre: quando os povos europeus chegaram ao Novo Mundo o povo amerindio viu a sua sentença de morte assinada e sem possível apelação; quando os japoneses chegaram às ilhas que constituem hoje a sua pátria, encontraram ali a raça ainú, que está em vias de extinção. Não vamos chorar sobre as campas frias destas fatalidades históricas; mas também não podemos, sem hipocrisia, chamar de *humanitários* aos invasores. A própria Natureza, tão cantada pelos poetas, teria que prestar largas contas se a chamássemos à liça pelo seu comportamento para com o bípede que — talvez... num momento de imprudência — dotou de cérebro...

A classificação de um acto sob o ponto de vista *humano* é muito subjectiva; o que para uns é louvável, outros condenam. Atitudes há, todavia, com tal cunho de *humanidade* que são imediata e unânimemente reconhecidas como tal.

Quando, no silêncio da noite, o lúgubre chorar da sereia avisa o bombeiro de que há gente em perigo, ele não trata de indagar se a casa a arder é de rico ou de pobre, de socialista ou monárquico, de branco ou de negro, de sábio ou de analfabeto, de cristão ou de ateu. E é precisamente nesta espontaneidade e neste desinteresse que vamos encontrar a definição mais adequada — e talvez mais capaz — para a palavra *Humanidade.*

COMANDANTES



FRANCISCO AUGUSTO DA F. REGALA
1882 - 1884



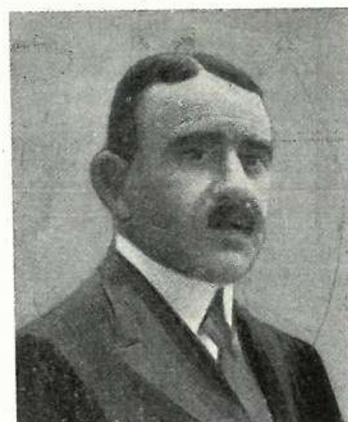
JOSÉ MARIA CARVALHO BRANCO
1893 - 1897



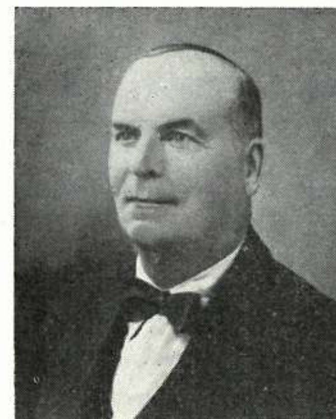
MANUEL GONÇALVES MOREIRA
1897 - 1906



JOÃO BERNARDO RIBEIRO JÚNIOR
1906 - 1907



JOÃO MORAIS MACHADO
1907 - 1911



FRANCISCO F. DA ENCARNAÇÃO
1911 - 1915



FIRMINO FERNANDES
1917 - 1921 — 1936 - 1945



ISAÍAS ALBUQUERQUE
1921 - 1934



TEN. DANIEL ALBERTO MACHADO
1934 - 1935



MARINO SOUSA MOREIRA
1945 - 1948

Herança Sagrada!

Pelo Dr. ALBERTO SOUTO

PASSA velozmente o Tempo e tão veloz que parece ser hoje, ainda, o dia festivo em que, há vinte e cinco anos, celebrámos o cinquentenário da Associação Humanitária



DR. ALBERTO SOUTO
Presidente da Assembleia Geral

dos Bombeiros Voluntários de Aveiro...

Neste quarto de século dobado entre a comemoração de 1932 e a de 1957, a Morte não se deteve na sua eterna faina e, de mãos dadas com o Tempo, levou-nos muitos dos que comungaram comnosco no júbilo e na alegria em que decorreram as Bodas de Oiro dos nossos Bombeiros Velhos.

Vai para todos os nossos Mortos queridos destes vinte e cinco anos, o nosso pensamento, com a lembrança das suas figuras físicas e morais, e a melhor homenagem ao seu civismo, à sua conterraniedade, à sua dedicação a tudo quanto era útil e belo na cidade de Aveiro, e, particularmente, à sua amizade por esta benemérita corporação de salvação pública que é um título de ufania a esmaltar a nossa heráldica de um brazão colectivo de Bem-Fazer.

Entre tantos nomes saudosos que nesta hora desejaria lembrar, não posso esquecer o conselheiro Luís de Magalhães, filho de José Estêvão, e o nosso hóspede e amigo, de Viseu, Dr. Mário Barroso, que tanto ilustraram com a sua presença e a sua eloquente palavra a sessão solene do Teatro Aveirense que, embora breve, foi das mais solenes a que tenho assistido e em



CARLOS ALELUIA
Vice-Presidente da Assembleia Geral

que, modestamente, tenho tomado parte.

Dos sócios fundadores da Associação e sua Companhia, viviam ainda, em 1932, João Bernardo Ribeiro Júnior, Manuel e Fernando Homem Cristo, António Marques de Almeida, Anselmo Ferreira, Luis Benjamim e João Nunes da Maia.

Outros prestimosos amigos e consócios, como Firmino Fernandes, Isaias de Albuquerque, Firmino Costa, Ricardo Mendes da Costa e muitos mais não mencionados neste breve artigo, desapareceram também depois disso na trágica voragem.

A Morte e o Tempo ceifaram-nos comandantes, directores, soldados activos, protectores, colaboradores e devotos desta obra admirável que é a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro. A nossa amizade, a nossa gratidão e o nosso reconhecimento, porém, mantem-os vivos no nosso coração.

Para todos os nossos Mortos, do mais ilustre ao mais humilde, vão, pois, as homenagens da nossa saudade, neste dia de Bodas de Diamante, e não só para os nossos Mortos dos últimos vinte e cinco anos, mas, também, para os do meio século anteriormente decorrido, não menos dignos de serem relembrados.

Sem esse *humus* de saudosas e prestáveis memórias, esta Associação não existiria.

Ela vive sobre extratos de insanos trabalhos, de belas virtudes cívicas, de grandes sentimentos generosos, de altruismo, de sacrifícios e dedicações de centenas de homens bons que fizeram parte da comunidade aveirense.

É das seivas de uma tradição de bondade e de amor do próximo, arreigada na alma deste Povo que ela se alimenta.

Podemo-nos orgulhar todos do tesouro de boas obras e bons sentimentos que nos legaram.

Honra seja ao exemplo desse venerando Passado!

E que a herança sagrada se não perca, mas viceje e frutifique sempre em novas e lídimas mãos!

— Recolhei-a no melhor da vossa alma e honrai-a sempre, oh! geracão de Hoje e de Amanhã!

ALBERTO SOUTO

PRESENTE!

por CAROLINA HOMEM CHRISTO

CHAMAM-ME de Aveiro, minha terra espiritual, para que colabore com meia dúzia de linhas neste festivo número de aniversário.

No meio do rumorejar constante e intenso duma grande metrópole como hoje é Lisboa, na labuta diária da maratona absorvente do jornalismo tão diferente da calma vida provinciana, que saberei eu dizer que possa interessar ao público Aveirense, ou à simpática Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários que comemora os seus 75 anos de altruista actividade? Contar-lhes como se envelhece drepressa neste rodopiar alucinante das cidades modernas, apesar dos cosméticos de beleza e dos artifícios com que a moda nos ajuda a encobrir os estragos do tempo, e de todos os males da malfadada era atómica que nos ultrapassa? Falar-lhes da minha saudade profunda da recuada época em que Aveiro não tinha réclames a «néon» nem cafés, e só iamos ao cinema uma vez por semana vêr fitas em 2, 3, e 4 episódios, que levavam um mês a correr e reuniam no Salão Nobre do antigo Teatro a guia flor da sociedade da terra em simpática e alegre cavaqueira?



RAÚL DE SÁ SEIXAS
1.º Secretário da Assembleia Geral

A minha saudade, bem entendido, não é das ruas escalavradas de então, do silêncio sepulcral que se observava às 11 da noite quase de uma ponta à outra da cidade, da escuridão em que os nossos olhos mergulhavam e os nossos passos faziam eco ao sair de restrito serão familiar, ou das «bichas» de caneco à cabeça em redor das fontes que haveriam de enchê-los num evervante «pingue pingue», que consumiu horas de vida a muita mãe de família! Não, gosto da luz, do movimento, do progresso, e respiro fundo, em verdadeira satisfação, sempre que chego a Aveiro e descubro uma nova rua, o esboço de um futuro bairro ou um bairro novo já a caminho, de bonito traçado, no qual predominam as casas elegantes, de boa



POMPEU DE MELO FIGUEIREDO
2.º Secretário da Assembleia Geral

arquitectura, sobretudo de bom gosto, como sucede, por exemplo, na nova zona do Liceu. Sigo a evolução de Aveiro de olhos enternecidos como se seguem os passos de um filho que começa a andar, primeiro cambaleante, depois firmando bem os pés no chão, já consciente e senhor de si. E a cidade faz tal diferença nos últimos 15 anos, que por vezes dou comigo a querer reconstituir na minha memória, um ângulo duma rua, ou tal e tal sítio, sem conseguir, já, fazê-lo com nitidez. Depois de uma paralisação quase total de mais de 30 anos, ei-la ressurgida, caminhando na vanguarda da maioria das terras de província, em profundo movimento de renovação que enhe de alegria e orgulho quantos, pelo nascimento ou sentimento, podem considerar-se aveirenses, como eu. Não é, pois, desse transposto período de decadência que tenho saudades, não. É desses grupos que já se não reunem no salão do teatro, das pessoas que conheci, dos rostos que me eram familiares e desapareceram para sempre, da saborosa intimidade que encontrava por todos os lados, das pedras da Costeira que conheciam os meus passos, das áleas do Jardim Público onde passeei, vaidosa, os meus primeiros vestidos compridos, dos rapazes e raparigas desse tempo, da mocidade que se foi e não volta mais.

A minha juventude e primeira mocidade passaram-se em Aveiro. Aí desabrochei da adolescência, aí me fiz mulher, aí aprendi a trabalhar, lutar, e sofrer. Na rude escola da vida que era a convivência com meu Pai, formei o espírito, e moldei o carácter. A Ele devo tudo o que sou, e no seu exemplo de entranhado amor à terra em que nasceu, embora nem sempre compreendido, frutificaram as raizes que me prendem a Aveiro e me levam a responder — Presente! — neste momento, como sempre, ao apelo que me fazem, mesmo sem saber se correspondo ao que de mim se espera. «Presente» agora, na festa da benemérita Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro a que desejaria ainda prestar homenagem daqui a 25 anos, e «Presente» sempre que Aveiro de mim necessite.

Presente!

Lisboa, Janeiro de 1957

Carolina Homem Christo

SAUDAÇÃO

Por EDUARDO CERQUEIRA

NO meu tempo de miúdo — que me vai ficando já na recordação delido e indistinto como um sonho — o bombeiro disfrutava de um aliciante prestígio, que lhe conferia as auras e a dignidade de modelo para as nossas infantis tendências de macaqueação.

Estou em crer que a pequenada de agora, com as atenções absorventemente suscitadas pelos ases, as proezas e os pleitos desportivos, se suporia amesquinhada com a mera hipótese de lhe apontarem como praticável o nosso entretém anacrónico de «brincar aos bombeiros». Mas aqui há umas quatro décadas de anos, na época pre-civilizada em que os relatos radiofónicos não ocorreriam a uma imaginação divinatória tão fértil como a de um Júlio Verne, a bola de câmara de ar era quase tão inacessível como hoje o planeta Marte, e os brios nacionais ainda se arrastavam na triste indigência de não poderem enfeitar-se com os louros dos triunfos futebolísticos e quejandos.

Então, a petizada, a par de uns jogositos inglórios e sensaborões, de alguma tropelia ingénua, de qualquer aventurosa incursão em despique com a do bairro vizinho, aplicava a sua tineta de imitar os adultos e a irreprimível necessidade de agitar-se no arremedo desses homens generosos que, sem outro prémio além de servir o semelhante, arriscavam o sossego e a vida, e tinham o ânimo forte, a destreza atlética, o garbo inalterável e a olímpica indiferença pelos riscos mais inquietantes.

Com capacetes de papelão e machadas toscas de madeira, insígnias recortadas em papel de cor que a cola de sapateiro mal fazia aderir às blusas das horas de folguedo, ser «bombeiro» constituía um prazer e um orgulho.

Sem dúvida a impoluta farda de gala; o reluzente capacete metálico; as paradas e cortejos cívicos onde ao bombeiro se conferiam primazias de evidência; as inverosímeis agulhetas que esguichavam água até aos telhados das casas mais altas; as escadas articuladas com uma presteza insuperável; a capacidade acrobática dos participantes nos simulacros; os apitos dos comandantes, imperativos e milagreiros como uma varinha mágica que tudo movesse com disciplinada exactidão, exerciam uma forte influência na miudagem.

Mas, mais fundo e mais alto que as exterioridades impressionava o fervor que animava os homens à acção filantrópica; a abnegação individual diluída no trabalho de equipa e quase sempre relegada ao anonimato; o impulso de fraternidade humana, despida de quaisquer laivos de egoísmo, isenta de toda a sorte de predilecção e lateralidade; o ser o amigo do próprio inimigo, se adregasse de pender sobre ele a ameaça ou do dano.

Cingíamo-nos, decerto, ao que estava ao nosso alcance: à canhestra imitação, reduzida à escala do nosso material de fancaria e da compleição de petimetres com prosápias de meter lanças em África. Mas, para o resto, laborava em voos de águia, a fantasia desfrenada e a inesgotável capacidade de sonhar e de crer nos sonhos como nas realidades mais autênticas.

Apagar o fogo convencionado, dominar labaredas imaginárias, arrancar ao suposto brazeiro algum camarada, subalterno e submisso, a

quem fosse cometido o papel de entrevado, eram, ao fim, os nossos altos propósitos de humanitarismo platónico.

O que nos incentivava, o que incendia os nossos entusiasmos juvenis era a cintilação daquela «chama» que conduz a apagar as chamas, aquele arder no amor do próximo que traz a satisfação no esforço oferecido e torna a dor alheia mais merecedora que a própria.

E, se tudo restava no âmbito da brincadeira improfícua, havia, por detrás da aparência insignificante, uma expansão do sentimento, um propósito puro de revestir a traquinice de um sentido que a sobrelevasse.

Assim fui «bombeiro», e dessa missão me reformei, ainda de calções. Bons tempos, os dos calções! Despi com eles inúmeras quimeras — que o fato de homem tolhe a gente para toda a vida...

Demiti-me de «bombeiro», e quantas coisas mais que desejaria ser! Ficou-me, todavia, mais consciente, embora inoperante, a tenaz admiração por esse voluntariado de bem fazer; a viva gratidão pela vigília em que permanentemente se coloca para acudir às aflições alheias; o apreço por essa forma nobilíssima de desinteressado sacrifício, a que não sei afoitar-me.

Fiquei na convicção de que exaltar os bombeiros corresponde a preitear uma virtude que é apanágio de poucos; e, mais do que serviços fruídos, é reconhecer o mérito de quem dá sem recompensa, e não a pede nem a ambiciona.

Fiquei no dever de lhes afirmar, em todos os ensejos que se me proporcionem, uma palavra de louvor e homenagem, se me não é lícito dizer de solidariedade.

Essa palavra dissaborida lhes trago, de saudade para os mortos, de aplauso e simpatia para os actuais, de bons desejos para a corporação que devotadamente serviram ou servem, nesta festiva comemoração do 75.º aniversário da tão querida e benemérita Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro.

EDUARDO CERQUEIRA

GRIMPA GLORIOSA

PEDE-ME a Comissão Organizadora da Homenagem à A. H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro algumas palavras para inserir no n.º 2 da «HUMANITÁRIA», em comemoração das Bodas de Diamante da prestimosa colectividade aveirense, e eu tenho como dever não me escusar ao honroso pedido, na modesta proporção do que possa e saiba dizer.

Embora alheio, em pormenor, à vida intensa da benemérita Associação, não posso ser alheio ao seu valor como elemento de abnegação e de sacrifício em favor da linda capital do nosso distrito. Os Bombeiros, soldados da Paz por excelência, formam uma classe àparte na vida das terras em que exercem a sua nobilíssima missão, e durante 75 anos de heroísmos sem conta — grimpa gloriosa atingida em nobre apostulado de ternura humana — certamente que a A. H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro tem cumprido a sua tarefa de maneira a dar a Aveiro a garantia solene de que nela podem confiar os seus habitantes.

Eu sei, todos nós sabemos, que nas horas de perigo iminente os Bombeiros são os primeiros Amigos com que podemos contar. Eles dão sempre o seu sangue e a sua vida pelo seu semelhante, sem exigirem qualquer prémio. Caminhando para a luta com o coração a trasbordar de ternura por todos aqueles que se encontram em perigo, quantas vezes, nas grandes catástrofes, sucumbem, de sorriso nos lábios, enquanto nos seus lares fica a viuvez e a orfandade a testemunhar rasgos de heroísmo que não visam a recompensas que não sejam as do dever cristão humanamente cumprido.

Laboriosa, nobre e lavada ascensão é, portanto, a levada a efeito pelos fieis servidores da A. H. dos Bombeiros Voluntários de Aveiro durante estes 75 anos de amor pela sua terra, e pela vida e bens dos seus habitantes, e tudo quanto possa dizer-se — por maiores montanhas de louvores que se teçam em volta de tamanha obra — não passa dum pálido reflexo daquilo que Aveiro e o seu povo lhe deve.

E que isto é uma verdade suprema, atesta-o a homenagem que um grupo de aveirenses ilustres promove nesta gloriosa data, rodeando de afectivos carinhos e de festivas galas a benemérita Associação, homenagem a que eu me associo, de alma ajoelhada, com estas modestíssimas palavras.

Espinho, Janeiro de 1957

CARLOS DE MORAIS

UM ESCÂNDALO!

Pelo Dr. DAVID CRISTO

Ao primeiro silvo da sereia, lúgubre na quietude sonolenta daquela manhã de Verão, o bombeiro saltou da cama, como se percutido por gigantesca mola, e correu—nu!!!— para o seu quartel.

Atravessou as ruas do bairro, ali da Beira-mar, — nu!!! — sob as vistas escandalizadas do mulherio, que sempre, em emergências sinistras, assoma às portas p'ra saber onde é o fogo. Um escândalo!

Quando me relataram a insólita ocorrência, visionei o piloso varão direito às bombas, lesto como Mercúrio, e tão absorto em seu humanitário desvario que de todo se esquecera de que os seus pés poisavam nesta miseranda terra, exigente, mesmo para os deuses, quando menos, do resguardo da parra edénica.

E não contive uma gargalhada — essa gargalhada vil que se gera na epiderme das convenções, como borbulhaço de recôndito ácaro.

Pensei depois que talvez Freud não risse. E pensei ainda que Freud leva, ao comum dos mortais, a vantagem de não ter bom-senso: perfura desapiedadamente a estratificada crosta de milenárias hipocrisias e de sórdidos interesses, rasga as pesadas roupagens tecidas com o fio de ancestralidades a reflectir conveniências no falso dourado de ouropeis — e procura, nas fundas radículas do homem, o homem verdadeiro, santo ou demónio, águia ou gusano, seixo ou universo. E, para tanto, cruel mas sincero, Freud desnuda o homem.

Nauseamo-nos ao ver, por feitiços do sábio, surgir de rescendentes púrpuras hediondas deformações? Deslumbramo-nos quando nos surge Apolo dum gibão esfarrapado? — E' que os nossos olhos não têm agudeza nem coragem para contemplar a Verdade sem véus; nem são os olhos ingénuos daquela criança da lenda que denunciou à multidão circunspecta e formal a nudez bojuda do seu rei.

Freud e o menino não ririam, como eu ri estùpidamente, do bombeiro que ia nu, nem se escandalizariam como as mulheres pudibundas; antes pensavam que a abnegação do nosso homem — tão espontânea que, ao primeiro grito de angústia, logo voou, num gigantesco salto, por sobre

a sólida montanha de venerados pejos — só tem olhos para as tragédias alheias, e tão exclusivamente postos nas ansiedades do seu irmão em perigo que não dão conta de que a folha de parra ficou esquecida no arcaz das decências.

A Mitologia fez os deuses como deuses; mas os homens vestiram o coração dos deuses da farrapada humana. Daí não sabermos lobrigar o altruismo, quando desadornado dos trapos pomposos deste mundo feito aderecista de comediantes.

Nos setenta e cinco anos de existência da benemerente Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, somam-se, feitas as contas, mais de vinte e sete mil dias e muito para cima de meio milhão de horas de permanente vigília — inacreditável contributo de várias gerações de homens tão despidos de interesses que, em sua desnuda devoção humana, correm para os perigos onde periga uma vida, esquecidos da sua própria vida; e correm tão velozmente que, às vezes, lhes sucede deixarem em casa, denvolta com as suas esquecidas roupas de pobres, a viuvez e a orfandade, lutos de humildes, sem glória — porque o Mundo, que ri do bombeiro que vai nu, não descobriu ainda para tão louco heroismo aquelas faustosas roupagens com que veste, de comum, as fátuas vaidades dos grandes...

DAVID CRISTO

EVOCAÇÃO

Por ALBANO PEDRO DA CONCEIÇÃO

JÁ lá vão perto de quarenta anos! Era eu, então, um rapazito da escola. O meu pai era o presidente dos Bombeiros Velhos. E eu tinha muita vaidade nisso, e orgulho também: o suficiente para me julgar superior aos meus companheiros. Pois se o meu pai era o dono dos «bombeiros», e dos incêndios e daqueles brinquedos muito grandes, pintados de vermelho, com que não apetecia nada brincar, valha a verdade Quando lá ia, passava por eles com respeito e temor, apesar de estarem muito quietos e calados. E' que eles, qual matéria viva dotada de sensibilidade, comunicavam-me a impressão estranha de que estavam sempre atentos e prontos para correrem à desfilada, logo que soasse o primeiro alarme do sino grande de S. Domingos — para mim, certamente o maior sino do mundo!



TENENTE JAIME DA SILVA SABINO
Membro do Conselho Fiscal

E como aquela voz estentória era determinante, não admitindo demoras nem hesitações, lá iam, carros e bombeiros, facies duro para a luta contra as chamas, corações abnegados para salvar vidas alheias.

Que diferença nas paradas! Nem pareciam os mesmos homens. Muito calmos, muito direitos, muito «generais»! Estou a vê-los: Firmino Fernandes, idoso e doente, a vender saúde nas paradas e a remoçar nos incêndios; Manuel da Rosa, velhinho, uma espécie de símbolo da corporação; Isaías Albuquerque, bastante gordo, e tão elegante e ligeiro dentro da farda; um outro, cujo nome não tenho presente, e de quem recordo os enormes bigodes que deviam ter atemorizado muitos incêndios; Francisco da Encarnação, a quem se chamaria, agora, o galã bombeiro; o velho Bandarra, e tantos, tantos outros, todos muito aprumados dentro daquelas fardas as-



MANUEL JOSÉ DA COSTA GUIMARÃES
Membro do Conselho Fiscal

seadas, luvas dum branco sem mácula; botões luzidios, capacetes resplandecentes, postos na cabeça com aquele gestinho peculiar de cada um, que os tornava mais garbosos. Mas o que eu tinha de reconhecer, com certa mágua, era que os Bombeiros Novos não faziam pior figura. E a verdade, para mim tão arreliadora, era que, muitas vezes, eram estes que chegavam primeiro aos incêndios.

Um dia fui convidado... Não, ponhamos as coisas no seu lugar: um dia, o meu pai mandou-me à sede dos bombeiros falar com o Firmino Costa, outro bombeiro dedicado (haverá bombeiros que não sejam dedicados?). Quando entrei no salão já lá estavam umas duas dúzias de garotos e meninas da minha idade. O Firmino Costa colocou-me ao lado duma menina e disse-me: – «Esta é o teu par». E foi assim que passei a fazer parte do rancho infantil dos Bombeiros Velhos. Eu era um rapazito com alguma iniciativa e com expediente de sobra para a brincadeira. Mas, perante situações mais sérias era um tímido. Assim, quando tinha de comprar uns sapatos novos, nunca maçava ninguém. Os primeiros que me calçavam, quer estivessem apertados ou largos, já os não abandonava; dizia que me assentavam muito bem; tinha medo de não conseguir melhor, e aqueles já eu tinha seguros nos pés.

Não me lembro das danças do rancho. Da exibição, no coreto do jardim, tenho uma vaga reminiscência, mas o que tenho vivo na memória é um acontecimento de que fui vítima, precisamente por causa daquela faceta de tímido.

Na véspera da exibição pública houve ensaio geral e distribuição de barretes e faixas, para complemento do nosso traje de pescador. Em cima de uma mesa estava um monte de barretes. A' ordem de avançar todos corremos para eles, precipitadamente, como se não houvesse barretes que chegassem. Naquela desordem agarrei-me ao primeiro que me caiu nas mãos. Vou a experimentá-lo e sofro uma decepção: era muito apertado. Mas não desanimei; aquele é que eu já não largaria. E com as duas mãos, em movimentos precipitados de balancé, fazia os maiores esforços para enfiar o barrete. Olhava para os outros companheiros e via-os com seus barretinhos muito satisfeitos, todos geitosos. Uma espécie de agonia dominava-me. Então, aos esforços das mãos juntei a colaboração da cabeça, fazendo com ela movimentos de parafuso. Foi o desastre! Senti um estalo no pescoço, e uma dor agudíssima. E o pescoço, durante um mês, não se mexeu nem mais um milímetro. No dia seguinte, no jardim, com outro barrete, um aprumo exagerado distinguia-me dos outros companheiros. Muito teso, muito hirto, devia ter irritado quantos me olhassem, quando afinal ninguém conhecia a significação trágica daquela antipática postura.

Já lá vão perto de quarenta anos! Era eu, então, um rapazito da escola.

Um destes dias vi os bombeiros marchando nas ruas da cidade, com bandeira e música. Tudo tão belo, tão evocativo, tão igual a sempre, que no meu espírito, enlaçando passado e presente, se originou uma natural transmutação de personagens. E revi os homens do passado, tão presentes e tão vivos que me deu ganas de saltar para a rua e, como dantes, marchar ao lado deles.

Dezembro de 1956

Albano Pedro da Conceição

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro

SETENTA e cinco anos de existência!!... Três quartos de século de vida impoluta, fecunda, altruista. Bemdita hora em que um punhado de homens de alma e coração se lembraram de tomar sobre si o encargo de formar uma Associação em prol da humanidade e cujo lema era *coragem e abnegação*. De facto se formou, tendo esse punhado de homens posto de parte o seu bem estar e oferecendo desprendimento da própria vida. Assim, se há um perigo iminente ou incêndio, o seu heróico altruismo impele-os a correr por entre o fumo e as brazas a salvar a vida do próximo e os seus haveres materiais. Bemdito o momento que nesta data faz setenta e cinco anos, celebrando as suas bodas diamantinas, cobertas de feitos gloriosos.

São estas simples e sinceras palavras que brotam do meu coração e de minha alma com verdadeiro entusiasmo e dedico à Companhia Velha, assim chamada popularmente, tendo a firme certeza que a nossa terra, que durante esse longo espaço de tempo colheu as honras e benefícios a ungirá dos louros da suprema gratidão e seus aplausos e que ela continuará *ad aeternum* a registar os feitos benéficos e gloriosos.

São estas as breves palavras que dedica à Companhia Velha o humilde nonagenário

SILVA ROCHA

AVEIRO

CORRENDO a terra portuguesa, de lés-a-lés, sentimos as suas variantes profundas, quer na paisagem quer na índole dos seus povos.

Há como que uma identificação entre o carácter individual e o meio que o cerca.

No Alentejo, por exemplo, onde já estive por duas vezes, tudo parece planificado.

É planície extensa e monótona a paisagem que nos rodeia; um eflúvio triste e enibriante evola-se da própria terra; sentimos como em nenhuma outra parte a dor profunda da solidão.

O carácter do alentejano, agarrado ao solo donde nunca emigra é merencório; a sua voz é pastosa, duma melopeia monocórdica, que se expressa assim nos próprios cantares.

Nota-se logo a influência árabe e as raízes profundas que lá deixou.

No Minho, ao contrário, tudo é diferente. O que no Alentejo é extenso, compacto, fechado em si próprio, é ali pequenino, achegadinho, cheio duma franqueza vibrante.

O seu povo, mais do que qualquer outro, é alegre, vivaz, todo comunicativo.

A sua paisagem, sem dúvida, é das mais belas de todo o país.

Viana do Castelo, por exemplo, é uma tela fulgurante de beleza sem par. Pois o vianense é também como tudo o que o cerca ruidoso de sons como a sua paisagem é ruidosa de cores, alacre como ela, comunicativa, terrena, muito humana.

O sangue árabe já ali não deixou vestígios, pois a dominação mussulmana muito pouco se demorou por lá. Mas se meditarmos bem, notaremos que essa mancha populacional tem uma típica acentuação étnica que a torna diferente de todas as outras regiões. Talvez sangue suevo que por ali se derramou para sempre.

Nas outras províncias dá-se o mesmo!

Quer seja o estremenho, quer seja o beirão ou o algarvio, profundas diferenças o delimitam entre si, com o fundo próprio de cada paisagem para cada qual.

Aveiro, a nossa região, é um todo desgarrado no todo português.

A sua paisagem, por si, é já única no país, para não dizer no próprio mundo.

A ria é um acidente geográfico que em nenhuma outra parte encontramos e que modelou o seu *hinterland* numa estrutura nova, diferente de todos os outros meios.

Definir essa paisagem, impossível. É nostálgica e alegre ao mesmo tempo, vasta e muito aconchegada; possue todos os cambiantes, e, se de manhã pode parecer vibrante e juvenil de entusiasmo, à noitinha, já se transformou num aspecto de profunda tristeza, com os seus pôres de sol inconfundíveis.

O povo de Aveiro é como a sua região, diferente de todos os outros.

É só igual a si próprio.

Povo franco e enérgico como não encontrei em qualquer outra parte, imbuído dum espiritualismo que o torna num viveiro de poetas, artistas ou homens de ciência, o aveirense, e quem diz aveirense diz todo o natural do Baixo-Vouga, é um ser marcante não só no seu meio como em qualquer parte do mundo em que habite.

Há 22 anos que deixei Aveiro onde residi durante outros vinte e dois.

Lá decorreram os melhores tempos da minha vida.

Pois bem, Aveiro, nestes 22 anos, não me tem saído do coração, tão profundas raízes ali se criaram.

Houve na sua paisagem, no seu povo, na sua hospitalidade, uma magia tão grande, a que nunca mais me pude furtar, e que de mim fizeram o aveirense mais convicto, o mais amante da sua terra, embora o mais humilde e o mais despido de qualquer valor.

ANTÓNIO CARDO

Promotores das Bodas de Diamante

COMISSÃO DE HONRA

Engenheiro Alberto Branco Lopes
Ricardo Pereira Campos Júnior
Orlando Moreira Trindade
Carlos Aleluia
Alberto Casimiro Ferreira da Silva
Eduardo Cerqueira

SUB-COMISSÕES

Desporto

Dr. José Cristo
José de Oliveira Ferreira
Manuel de Castro

Baile

António Luís Morais da Cunha
Carlos Grangeon Ribeiro Lopes
Agnelo Casimiro

Merenda às corporações representadas

2.° Comandante Gonçalo Pinto
Chefes Manuel Costa Freitas
e João Soares

Revista «Humanitária»

Manuel José da Costa Guimarães
Amadeu Ala dos Reis
Augusto Pinho Varela

Parada

Tenente Jaime da Silva Sabino
João dos Santos
Carlos Alberto Pinho Varela
Décio Cerqueira

Arraial

José Rodrigues Vieira
João Nunes Ferreira Salgueiro
Carlos Júlio Duarte Matos

Recepção

A Direcção e o Comando

A Comissão Promotora da publicação da Humanitária agradece muito reconhecida a todas as pessoas que se dignaram prestar a sua colaboração e auxílio, tornando possível levar a bom termo a missão que lhe foi confiada.